



Pollyanna Kécia Cordeiro Granjeiro

Universidade Federal de Campina Grande

Ângela Maria Cavalcanti Ramalho

Universidade Estadual da Paraíba

José Irivaldo Alves Oliveira Silva

Universidade Federal de Campina Grande

CAATINGA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E SABERES TRADICIONAIS JOVENS DO QUILOMBO PEDRA D'ÁGUA



DOI: doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1662

A comunidade Quilombo Pedra D'Água está situada no município de Ingá no Agreste da Paraíba, o nome foi atribuído devido às fontes de água que surgem em abundância entre as rochas no período de chuvas e dão nome ao rio que banha a comunidade. Em 19 de abril de 2005, a comunidade recebeu a certidão de auto reconhecimento, lavrada e extraída pela Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, da Fundação Cultural Palmares.

Em 18 de julho de 2008, por meio do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID a área foi delimitada em 132,4 hectares. A portaria foi assinada pelo então presidente do INCRA, Celso Lacerda, em 10 de janeiro de 2012, reconhecendo a Comunidade Pedra D'Água como terras da comunidade remanescente quilombola. Em 5 de dezembro de 2013, através de decreto, a Presidente da República declara de interesse social para fins de desapropriação dos imóveis rurais abrangidos pelo Território Quilombola Pedra D'Água, em Ingá, Paraíba (Neabi-UFPB, 2024).

A origem da Comunidade Pedra D'água remonta à figura de um ancestral, o Sr. Manuel Paulo Grande, o primeiro a se estabelecer no local e comprar as terras em que hoje habitam os seus descendentes na região, após fuga devido à sua participação no movimento Quebra Qui-

los – revolta ocorrida no Nordeste brasileiro no final do século XIX, que se opunha à implantação de um novo sistema métrico que substituiu as medidas tradicionais. No Relatório Antropológico da Comunidade e na narração de alguns moradores do quilombo, Manoel Paulo Grande, obedecendo ordens de um fazendeiro do local, participou ativamente da querela do Quebra-Quilos e passou a ser perseguido pelas autoridades que buscavam coibir os revoltosos (Neabi-UFPB, 2024).

A cooperação é a forma coletiva de desenvolver as atividades. Constata-se que a comunidade quilombola toma por base os saberes tradicionais ancestrais africanos e afro-brasileiros, centrados na relação com a terra, território e cultura ancestral. Esses conhecimentos incluem técnicas agrícolas sustentáveis como a coivara, roça de toco, manejo sustentável, para conservar a biodiversidade e reduzir os desmatamentos.

As representações sociais contidas no passado da comunidade contribuem para a (re)construção da sua identidade, esteio da memória coletiva do grupo especialmente em datas como o Dia da Consciência Negra, sendo considerado como um momento de conscientização e reflexão sobre a importância da cultura e natureza. Também nos aspectos políticos, sociais, gastronômicos e religiosos, celebram a ancestra-



Figura 1 - Entrada do Quilombo Pedra D'água na cidade de Ingá/PB

Fonte: Instagram da Comunidade Pedra D'água, 2026

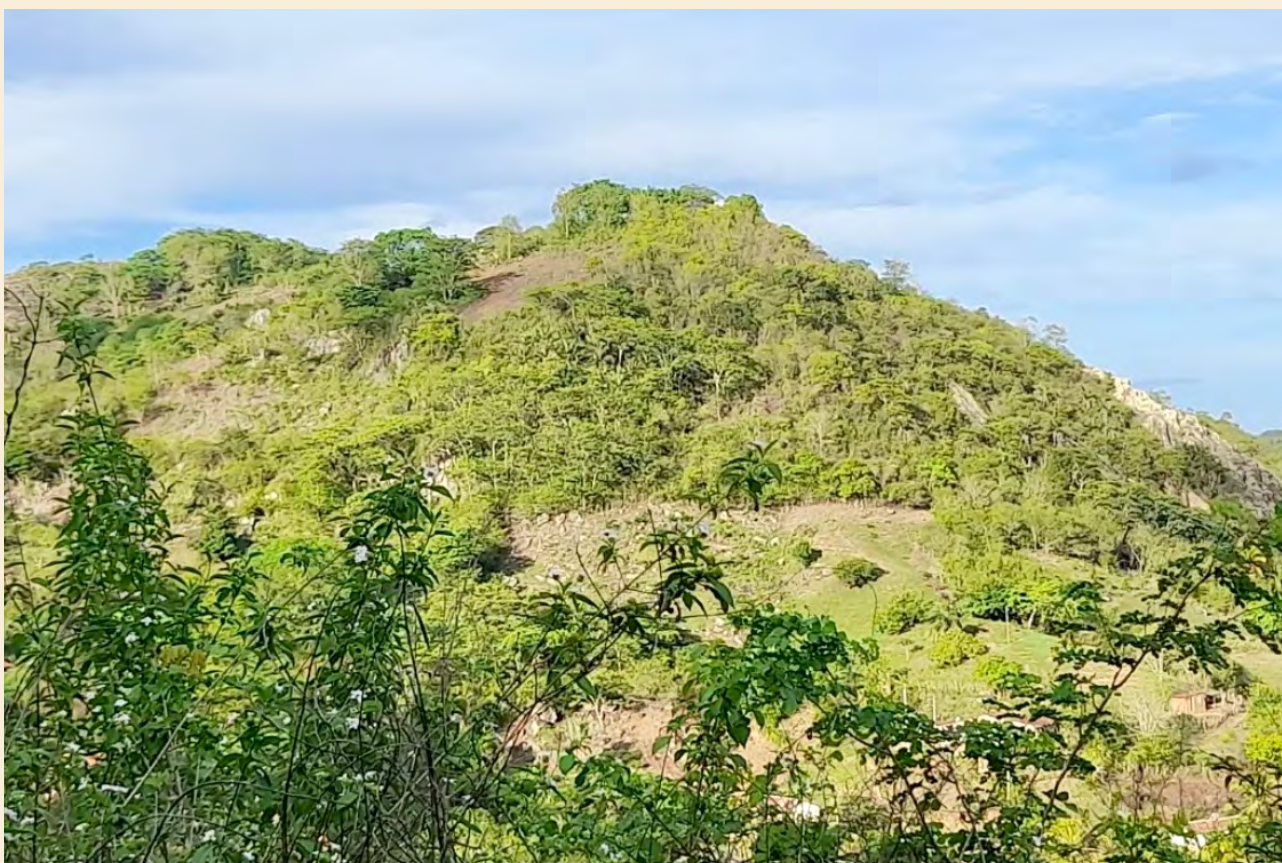


Figura 2 - Imagem territorial

Fonte: Instagram da Comunidade Pedra D'água, 2026

lidade, além da cultura voltada para preservação das tradições, reconhecendo a sabedoria e perpetuando os conhecimentos para as novas gerações (BENICIO, 2022).

Diante dos cenários e suas tessituras, o estudo objetiva analisar como os saberes tradicionais transmitidos para os jovens da Comunidade Quilombola Pedra D'água têm contribuído para a preservação do Bioma Caatinga diante do contexto de mudanças climáticas com previsões para intensificação da aridez, escassez de chuvas, desmatamento, clima quente e seco, desertificação e outros fenômenos socioambientais, e as estratégias de resistência e convivência do sertanejo com o semiárido, baseado em técnica de manejo sustentável da vegetação nativa, valorização da cultura, além da biodiversidade local.

Jovens da Comunidade Quilombola Pedra D'água: Saberes e Práticas Tradicionais e Mudanças Climáticas

Os impactos socioambientais resultantes das mudanças climáticas evidenciam a emergência por políticas públicas voltadas para conservação e adaptação, além, evidentemente, da aplicação de práticas tradicionais das comunidades. Considerando que os efeitos das mudanças climáticas são sentidos no âmbito local, o que sinaliza para a necessidade do estabelecimento de metas de resiliência dos territórios traçadas pelas comunidades, o que pode potencializar práticas coletivas de preservação e conservação ambientais.

No semiárido nordestino, extremos climáticos como secas prolongadas, calor e chuvas irregulares reduzem a agricultura e o artesanato, bases da renda do quilombo Pedra D'água, PB. Diante dessa “sindemia” (crises sociais e climáticas simultâneas), vozes de resistência surgem, destacando-se o protagonismo da juventude como esperança na preservação do território na busca por justiça climática.



Figura 3 - Artesanato feminino

Fonte: Instagram da Comunidade Pedra D'água, 2026

Diante do contexto, a realização da pesquisa sistemática está voltada para compor a dissertação de mestrado e analisa como os saberes tradicionais transmitidos para os jovens da comunidade quilombola Pedra D'Água têm contribuído para a preservação do bioma Caatinga diante do contexto de mudanças climáticas. O público-alvo da pesquisa foi um coletivo de jovens da Comunidade Quilombola Pedra D'Água. Como metodologia, utilizamos a roda de conversa, que proporcionou a construção coletiva e o diálogo horizontal, além da troca de experiências e a escuta ativa, cristalizando um espaço estratégico de percepção dos significados, identificação de valores, crenças e sentimentos. Além de expressão de resistência, memória, oralidade e afirmação política em defesa de direitos territoriais.

Registramos um elenco de falas do grupo de jovens sobre a história, saberes, costumes e práticas de aprendizagem tradicionais perpetuados através das gerações que norteiam a estrutura social.

“Os primeiros escravos eram vigiados dentro do Federal (referindo-se à vigilância da polícia). Eles vieram do outro lado do mundo... Meu avô falou que foram os escravos que fugiram das grandes embarcações de João Pessoa e andaram muito atrás de se esconder... e eram bem jovens.”

(Fala de jovem da Comunidade Pedra d'água, em 15 de abril de 2026).

Nas falas está expresso que a juventude associa a condição de jovem quilombola a um orgulho coletivo e identidade cultural, porém com um significado maior de resistência. A identidade não aparece apenas como pertencimento territorial, mas como superação de barreiras enfrentadas pelas gerações anteriores (BENICIO, 2022). Os jovens depositam esperança na educação, acesso à escola, à universidade e a novos espaços sociais, sendo compreendido como conquista coletiva da comunidade.

“A nossa vida na comunidade representa um símbolo de quebra de ciclo, porque muitos dos nossos familiares não tiveram essa oportunidade de estar aqui (na escola)... Dá orgulho! E continuar o legado é inspirador.”

(Fala de jovem da Comunidade Pedra d'água, em 15 de abril de 2026).

As falas revelam que os antepassados significam referência moral, histórica e política. Os jovens entendem que existe uma herança que precisa ser preservada e transmitida às próximas gerações. O passado de luta fortalece sentimentos de pertencimento e responsabilidade sobre o território.

Sobre as questões socioambientais no quilombo, os jovens demonstram percepção concreta das mudanças climáticas. O clima é descrito como instável, imprevisível e diferente do passado. As referências temporais dos mais velhos reforçam a ideia de que antes havia regularidade sazonal, enquanto hoje predominam secas prolongadas e chuvas desordenadas.

“Mudou bastante... Antes ele dizia que tinha o dia certo da chuva. Eles já plantavam porque sabiam que na época tal ia chover e hoje eles não conseguem mais ter essa previsão.”

(Fala de jovem da Comunidade Pedra d'água, em 15 de abril de 2026).

Os idosos são percebidos como guardiões da memória ambiental. Ainda, com relação às mudanças climáticas e as práticas de prevenção, destacam a vivência dos ancestrais como protetores da biodiversidade, ao mesmo tempo em que sofrem com os impactos ambientais. Na visão dos jovens, eles interpretam o presente como tempo de desequilíbrio ecológico e recordam épocas de maior fartura, regularidade hídrica e previsibilidade agrícola.

“O clima não está mais equilibrado como era antes... Diziam: — Hoje eu vou queimar porque amanhã vai chover... e realmente amanhã chovia.”

(Fala de jovem da Comunidade Pedra d'água, em 15 de abril de 2026).

Está expresso nos gestos e nas falas a ideia de uma relação integrada com a natureza. Os mais velhos eram agricultores, cultivavam alimentos, manejavam o solo do território e mantinham forte vínculo afetivo com a terra. A natureza era parte da vida cotidiana e do sustento familiar.

A água aparece como elemento central da experiência comunitária. Constatam-se muitas melhorias estruturais recentes, como cisternas e dessalinizador, poços artesianos na

região; porém, a maioria das residências possui água encanada. Contudo, permanecem na memória os longos deslocamentos e dificuldades históricas de acesso à água em períodos de escassez crítica. As mulheres, de modo geral, fazem questão de lembrar a seus filhos e netos a “saga de um pote de água na cabeça”.

Os saberes tradicionais são narrados como patrimônio transmitido por sucessivas gerações familiares, especialmente pelas mulheres, as mães, avós e bisavós. Trata-se de uma pedagogia do diálogo, da oralidade, do saber cuidar e do afeto. O aprendizado juvenil ocorre através da participação nas práticas do cotidiano comunitário: plantio, manejo da terra, convivência com animais e respeito ao ambiente por meio do fazer diário e da experiência vivida com suas famílias e com a comunidade em geral. Assim, a conexão com a ancestralidade é a fonte de todo conhecimento, respeito e honra aos ancestrais, reconhecendo a sabedoria dos que vieram antes, perpetuando os conhecimentos acumulados para as novas gerações.

Considerações Finais

Ao analisar os relatos orais dos jovens, foi possível compreender como as memórias são primordiais nos processos identitários, sendo possível identificar o aprendizado como processo que constrói não só o conhecimento, mas também atores sociais protagonistas e autônomos nas práticas cotidianas e identidade coletiva, que vivem dentro de grupos e comunidades étnicas.

A memória cultural confere linguagens, saberes e práticas condizentes com a conservação e a preservação da natureza (LE GOFF, 2003). As práticas ancestrais são a fonte de todo conhecimento; são uma ponte que liga o passado e o presente de modo a ajudar a entender as origens, crenças, costumes, culturas e identidades. Respeitar e honrar os ancestrais significa perpetuar os conhecimentos para novas gerações.

Diante das reflexões apresentadas no artigo, sugere-se ampliar e reposicionar o lugar de fala dos jovens das comunidades quilombolas e demais identidades nos debates sobre as questões climáticas, para a redefinição de modo peculiar do replanejamento de ações voltadas para resiliência e adaptação.

Referências

- BENÍCIO, Marciane S. Ambrosio. “Quilombola Sim”: o processo identitário na Comunidade Quilombola Pedra D’Água em Ingá-PB. Campina Grande: UEPB, 2022.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-UFPB). João Pessoa: UFPB, 2024.